

CORRENTE SEM FIM

REGINA DE PAULA

Artista e professora titular do Instituto de Artes (DLA/Iart/UERJ) e da Linha de pesquisa Arte, Experiência e Linguagem (PPGArtes/UERJ). Suas investigações partem da experimentação artística, envolvendo questões fundadoras da cultura e da própria existência.

reginadepaula.com.br / vimeo.com/reginadepaula / http://lattes.cnpq.br/708597293110687

Corrente sem fim entrelaça palavras e frases de escritores judeus e árabes, compondo uma sequência contínua que aproxima diferenças e tensiona conflitos. A montagem cria um território em que a linguagem se converte em ponte e espaço de partilha.

montagem;
palavra;
imagem; arte contemporânea.



A arte é a tábua que, após o naufrágio, salva alguém.

— Constantin Brancusi

mas como? onde?
como não percebemos isso antes?
o dia de ontem que já passou
está acontecendo conosco?
mas não é possível
como começa o amor, e como desaparece e morre?
ai de quem sonha!
eu parei de contar os meus sonhos faz tempo
estamos transformados em fantasmas
um dia seremos o que queremos
e a noite ainda seria longa
não consigo nem explicar o porquê
uma tatuagem marcada bem fundo em nós
um medo oculto
como um vaso cuja água foi derramada
uma língua antijatos, anti-insetos brilhantes de prata
é só delírio meu, então!
você está vivo?
eles nos separaram um do outro
há muito tempo que parei de tentar compreender
mas vem de dentro de nós?
o nosso mar e as nossas areias
e uma após outra morreram as palavras
numa cidade vazia de tudo, exceto da morte
uma manhã como todas as outras
uma trégua de cinco minutos em nome do café
nada mais nos assombra
onde estão os artistas?
não sentes que um mundo se desmoronou
a escuridão caiu sobre todos
mesmo que eu lá vá não poderei impedir-lo
te declaram morto
ando para me ver andando
estou escrevendo meu silêncio
mais é impossível!

desliguei o telefone sem saber o que fazer
estou gaguejando um grito
e onde está o nosso país?
se você ouvir o ruído do míssil, então está vivo
não, não é possível mais
como pode o amor viver com medo e sem poesia?
vinha de um país onde não existe tal palavra
ele soube o nome dela e a deixou partir
nada se parece com o amor, exceto o amor
e eu como sou?
somos essa memória
perdi a noção do tempo
como eu amava este lugar
onde você estava?
escavando uma estrada para a luz do dia
o que aconteceu?
o sino acabava de tocar
o remorso começou a me corroer
decidi preencher o vazio com o vazio
mas como chegar à cozinha?
a voz do amor é abafada pelo som da morte
eu já não passava de cinzas
guerra no mar, agitação na terra
uma indigestão de ira da alma
simplesmente tudo lhe parecia uma loucura
dois mil anos de longe
a história não é subornável?
eu desejei nunca ter entendido
as folhas secam sobre a terra
a gente desta cidade está condenada
onde temos razão, flores não podem crescer
uma garrafinha para lavar o rosto
um profundo silêncio reinava em toda a casa
de agora em diante, não teremos nada a perder
água, mamãe, água!

o barulho dos aviões é ensurdecedor
quando esse longo dia vai acabar?
que lugar é este?
o melhor do mundo é a água

o deserto está em todos os lugares
aqui ficaremos
somos escravos dessa memória
aprendi a ler as páginas do mar
um crepúsculo para o crepúsculo
pensem bem se isto é um homem

sua última palavra foi meu nome
um dia serei o que quero
os outros jamais saberão
é sono, mas não é descanso
uma tristeza invisível
e sou e não sei quem sou

pena, éramos uma boa invenção
contudo este é meu nome secreto
você mesmo é uma prisão
nossas feridas são nossos nomes
eu quero bagunçar a Bíblia
era uma noite estranha

o mundo de fora encolheu
e eu não quero saber
ela morreu e permaneceu viva
era um silêncio terrível

o mar inteiro é embalado por bombas perdidas
uma onda de mar na minha mão
lá dentro agora cantavam com tristeza
o que está acontecendo?

a luz parou de fluir
um avião passa sobre a figueira
nada vai adiantar
como um muro sobre os vossos peitos

do homem vieste e ao homem retornarás

eu quero tanto bagunçar a Bíblia
a morte é grande e definitiva
eu não tenho mais corpo
não me faça falar muito
faça de cada barricada um país
ele a ouviu chorar quase em silêncio
o sono se acostumou ao som da morte
odiar e perdoar, lembrar e esquecer
ele se lembrou do rosto de sua mãe
a noite se instalou sobre a cidade
o destino é outro nome para fatalidade
nunca esquecerei aquela noite
eu seguia minhas palavras e elas me seguiam
qual o nome dessa coisa?
um prédio engolido pela terra
ele não sabe e eu não sei
o homem não tem um tempo
o mapa não é a resposta
nunca vou me perdoar
de onde veio sua memória?
meus olhos tinham se aberto e eu estava só
estou com um mau pressentimento
sei que não posso documentos para provar o que estou dizendo
a memória é uma ferida na alma que nunca fecha
imortalidade é uma ilusão dos vivos
não sei como sobrevivi
de repente, superamos o medo e a morte
um deles não verá o dia
irmão, isso é inacreditável
só peço que me escutem!
os privados de pátria têm pátria
a única língua que entendemos é a força bruta
na verdade, nada assusta
volte aqui no próximo inverno
tentei me desvincilar do meu assassino invisível

as chuvas vão continuar
até quando?
não quero escutar
mas tais garantias existem?
foram, simplesmente, tragados pela noite
repentinamente, os pássaros se aquietaram
não espere misericórdia de ninguém
dissemos que iríamos embora
como vou saber?
quem espera pela morte não conhece o sono
derramam o sangue e depois as lágrimas
minha mãe não conta mais as suas memórias remotas
vocês roubaram o cheiro do meu pai
entre a dignidade e os escombros
uma sombra passageira
e de repente fez-se silêncio
envergonhado estou
o que restou para ver?
que o nosso fim será mais amargo e assustador
nossa permanência é uma vitória
que mais direi

Instigada pela chamada para esse dossiê, pensei imediatamente em criar uma versão de *Corrente sem fim*, trabalho iniciado em 2023, quando, inspirada na *Coluna sem fim*, de Brancusi, comecei a moldar manualmente uma corrente com elos feitos de textos impressos de literatura e poesia árabe e hebraica, alternados em suas línguas originais.

Para estas páginas, pressionada pelo prazo, empreendi uma pesquisa frenética por livros de autores árabes e judeus traduzidos para o português, tanto em publicações quanto na internet, a fim de criar essa nova corrente com palavras extraídas livremente dos seguintes autores: A. B. Yehoshua, Ahmed Dahbur, Aharon Appelfeld, Amos Oz, David Grossman, Dima Wannous, Elias Khouri, Elie Wiesel, Etgar Keret, Ghassan Kanafani, Hanan Awad, Hassan Al-Qatrwi, Layan Abu Al-Qumsan, Mahmud Darwich, Mois Benarroch, Mustafa Al-Nabih, Nasser Rabah, Nima Hassan, Primo Levi, Samih Al-Qasim, Tal Nitzán, Tawfiq Zayyad, Uri Orlev e Yehuda Amichai.

Agradeço aos escritores e a seus tradutores terem tornado possível meu trabalho.